

(Um entre-ato de Érico Cramer, escrito especialmente para o programa de propaganda das apólices da Prefeitura Municipal no dia de Natal).

CONTROLE - CARACTERÍSTICA GRANDIOSA, FUNDE COM BIMBALHAR DE SINOS EM FESTA E ENTRA A SEGUIR "NOITE SILENCIOSA" (DE PREFERENCIA A GRAVAÇÃO QUE NÃO É CANTADA E COM CAMPANAS). PERMANECE FORTE E PASSA A B/G.

*Para o Natal*

Carolina - (54 anos, narrando) Esta é mais uma noite de Natal que vejo passar na minha vida!... Mais uma noite em que os sinos bimbamham... as árvores se acendem... e as recordações da infância ressucitam, acordadas que são, de repente, pela melodia enternecedora, da "Noite silenciosa" que os rádios da vizinhança insistem em fazer chegar aos ~~meus~~ <sup>meus</sup> ouvidos. Noite de Natal! Noite feliz! Feliz para quasi toda a gente, mas para mim sempre vasia... sempre triste... sempre igual!... (TOM) Isto é... hoje ela talvez seja diferente, porque, depois de onze longos anos de ausencia e de silencio, Alfredo me telefonou, pedindo-me que o recebesse para tratarmos de um assunto grave e urgente. (Pausa) Ele deve chegar dentro de poucos momentos, mas... enquanto estou só, o passado insiste, teimoso, em brincar de ciranda dentro do meu cérebro! São cinquenta e quatro anos que ficaram para trás e que, num instante, movidos pelo poder miraculoso da recordação, voltam a desfilar diante dos meus olhos machucados, que trouxeram, para a vida, o destino impiedoso de viverem, eternamente, sem a luz de outros olhos que os fitassem com carinho! (Pausa e tom) Sou uma pobre solteirona que, desde os primeiros anos da sua infância, sonhou ardentemente possuir uma boneca de louça que fechasse os olhinhos e dissesse "Mãmãe!" Tão ardente era esse desejo que durante muito tempo conservei uma garrafa vasia enrolada em trapos desbotados. Era a minha boneca. Eu a embalava nos braços... deitava-a numa caixa de sapatos tambem vasia... e dava-lhe mamadeira. Seu nome era Nanete. Lembro-me, ainda, quantas lágrimas chorei no dia em que ela foi vendida, juntamente com outras garrafas tambem vasias, para que não nos faltasse o almoço do dia seguinte! Cresci trabalhando em casas extranhas, cuidando de outras pequeninas bonecas de carne que nunca me quizeram bem. Aos trinta e cinco anos de idade, sem ter conseguido realizar o meu sonho, vi morrer o meu único irmão que, então já viuvo, deixava na orfandade seus <sup>dois</sup> filhos, Alfredo e Wandinha. Alfredo era já um rapaz de quasi vinte anos e ela uma menina de oito. Meu irmão, <sup>ao morrer</sup> ~~entregando~~ fez-me entrega da menina para que eu tomasse conta dela.

CONTROLE - MÚSICA DE REMINISCENCIA.

Carolina - (35 anos) Senta um pouquinho aqui no colo da titia, querida, senta. Tã has de ser, de agora em diante, a bonequinha amorosa que a titia sonhou tanto possuir! Hei de cuidar de ti com todo o meu desvelo e tu has de ser sempre muito boasinha, não é verdade meu amor?

Wanda - (oito anos) Sim, titia.

CONTROLE - HARPEJO, FUNDE COM FUNDO DE NARRAÇÃO.

Carolina - (54 anos, narrando) Wandinha parecia ~~uma~~ uma menina dócil e sumissa, mas havia no fundo dos seus olhos claros uma expressão estranha que, por mais que me esforçasse, eu não conseguia definir bem claramente. Desconfiança? Revolta? Mágoa? Tédio? Nada disso parecia coincidir com aquela ~~expressão~~ expressão que me angustiava <sup>tanto</sup> porque eu desejava conhecer a minha boneca nos seus mínimos detalhes e havia nela qualquer coisa diferente que continuava a ser para mim um mistério impenetrável. Eu me entregara de corpo e alma à missão que me fôra confiada e, embora tivesse que trabalhar duplamente para sustentá-la, não me maldizia. Antes, até, sentia naquilo um prazer muito vivo. Quando começou a se aproximar o primeiro Natal que Wandinha deveria passar na minha companhia...

CONTROLE - MUSICA DE REMINISCENCIA.

Carolina - (35 anos) Minha filha, você já escreveu a sua cartinha ao papai Noel, pedindo o que deseja que ele traga?

Wanda - (oito anos) Não escrevi não, tita. E acho que nem vou escrever.

Carolina - Ora essa! E por que não, minha querida? Se você não escrever ele não lhe traz nada.

Wanda - Eu cansei de escrever nos outros anos e ele nunca me trouxe.

Carolina - É porque ele, naturalmente, não recebeu a <sup>sua</sup> carta. Escreva-a desta vez e a entregue a mim que eu farei com que chegue às mãos do papai Noel.

CONTROLE - HARPEJO, FUNDE COM MUSICA DE NARRAÇÃO.

Carolina - (54 anos, narrando) Wandinha escreveu. Queria uma boneca. E as bonecas, já naquele tempo, eram brinquedos caros para quem ~~nada~~ nada possuía. Mas eu não queria que Wandinha ficasse, como eu, toda uma vida à espera de um sonho. Faltavam vinte dias para o Natal e eu comecei, além da minha tarefa de fornecer comida em viandas, a trabalhar até tarde da noite na confecção de flôres artificiais que seriam postas à venda no pequeno bazar da esquina da rua. Na noite em que elas ficaram pro...

CONTROLE - MUSICA DE REMINISCENCIA

Carolina - (35 anos) Boa noite, seu Pereira.

Pereira - (Portuguez) Olá, dona Carolina, como está a senhora?

Carolina - Felizmente bem, seu Pereira. Vim trazer as flôres.

Pereira - São lindas um pedaço! Olhe lá que a senhora tem vurdadeiramente umas mãos de fada.

Carolina - A necessidade é que obriga a gente a aprender estas coisas.

Pereira - Mas nem todos q'aprendem fazem-nas com prufeição.

Carolina - O senhor acha que eu poderei vender todas até a vespera do Natal?

Pereira - Creio bem que sim. E si não vendere a sinhôra leva a vunéca e depois, cando as flôres forem sendo vendidas, eu cá me vou pagando aos poucos.

Carolina - Ah, muito bem. Pois então eu lhe agradeço muito, seu Pereira.

Pereira - Óra iesta! Agradece o que? Nós cá estamos ao mundo pa ajudare uns aos outros.

Carolina - Ah, pois é, mas nem todos pensam assim. E são raros os que assim procedem. (Tom) Bem, seu Pereira, eu vou andando.

Pereira - Hom'essa! Tanta pressa assim traz a sinhôra?

Carolina - É que eu deixei a Wandinha sósinha e estou preocupada. Boa noite então seu Pereira.

Pereira - Boa noite, dona Carolina, boa noite. Seja f'liz sim sinhôra.

CONTROLE - RÁPIDO HARPEJO FUNDE COM MUSICA DE NARRAÇÃO.

Carolina - (54 anos, narrando) Ao voltar para casa, estava bem longe de imaginar a surpresa enorme que me aguardava. Eu vinha contente comigo mesma e pensando baixinho: "Bem, desta vez vamos realizar, as duas, o sonho de possuir uma boneca de porcelana que abra os olhos e diga "Mãmãe!". Para mim a boneca vem realmente bastante tarde, mas não importa. O principal de tudo é que o sonho se realize. (Tom) Ao abrir a porta da entrada, Alfredinho estava sentado na sala, à minha espera.

CONTROLE - MUSICA DE REMINISCENCIA.

Carolina - (35 anos) Oh, meu filho, que surpresa agradável! Não imaginei que fôse se encontrá-lo aqui. Ha tanto tempo que você não aparecia... A sua irmã já tinha reclamado a sua presença... estava com saudades... e eu também. (Transição) Mas que é isso? Você não quer me beijar? Por que?

Alfredo - Titia... nunca pensei que a senhora tivesse coragem de fazer o que faz.

Carolina - Como, meu filho?! Que é que você quer dizer com isso?

Alfredo - A senhora compreendeu muito bem. Não se faça de ingênuas.

Carolina - Meu filho! Eu estou estranhando a sua maneira de falar comigo. Que se passa com você? (Pausa pequena) Vamos, fale. Que fiz eu para merecer de você qualquer recriinação?

Alfredo - Wandinha me contou tudo, ouviu? Eu nunca pensei...

Carolina - (corta, abismada) Mas contou tudo o que?! Seja claro, explique-se. Eu continuo sem saber o que possa ter havido.

Alfredo - Pois eu já vou lhe fazer a vontade. Vou ser claro como a senhora quer que eu seja. Eu sei que a senhora maltrata Wandinha e que até bordoadas lhe dá.

CONTROLE - ACÓRDE TRÁGICO E SECO, SEM CORTAR A CENA.

Carolina - (num grito abafado) Alfredo!... Você enlouqueceu, meu filho?!... Quem lhe afirmou semelhante barbaridade? Quem teve a coragem de inventar ta manho absurdo?

Alfredo - A senhora quer mesmo saber?

Carolina - Quero, sim. Eu exijo que você me diga o autor de semelhante infâmia.

Alfredo - Pois bem... quem me disse... foi ela mesma.

CONTROLE - REPETE O ACÓRDE ANTERIOR SEM CORTAR A CENA.

Carolina - (num choque violento) Ela mes... (corta, pausa e baixa de tom) Não é possível!... Wandinha, naturalmente, lhe disse qualquer outra coisa e você compreendeu mal.

Alfredo - Sim? Pois então ela repetirá, na sua frente, tudo aquilo que acabou de me contar ha questão de dez minutos. (chamando) Wandinha, venha cá.

Carolina - (meio tom, para si mesma) Não pode ser! Não pode ser!... Eu devo estar ficando louca.

C/REGRA - PASSOS DE MENINA DE OITO ANOS QUE SE APROXIMAM.

Alfredo - Ela já vem aí para botarmos as cartas na mesa.

Wandinha - (ingênuas fingida) Chamou, maninho?

Alfredo - Chamei, querida. Você vai repetir aqui, na presença de tia Carolina, todas aquelas coisas que você me contou enquanto ela estava fora.

Wandinha - Eu não quero, maninho, eu não quero. Depois que você sair ela vai me castigar.

Carolina - Minha filha! Não diga isso! Alguma vez eu castiguei você? Quando isso aconteceu que eu não me lembro?!...

Wandinha - Óra, titia, não seja tão fingida. A senhora me dá castigo todos os dias!

Carolina - (choque, quasi sem voz) Wandinha!...

Wandinha - E castigo ainda não é nada. E quando a senhora me dá bordoadas que eu chego a ficar com as marcas no corpo?

Carolina - Que horror, meu Deus!... Que estará se passando com essa criança?

Wandinha - Vê aqui, maninho, essa marca roxa no meu braço, ó.

Carolina - (voz trêmula de pranto) Wandinha! Você está apunhalando o meu coração que lhe quer tanto, minha filha. Pelo amor de Deus não faça assim.

Alfredo - Como explica a senhora essa mancha roxa que ela tem no braço?

Carolina - Eu estava passando roupa a ferro e ela sentada ali perto, conversando comigo. Alguem bateu à porta, eu deixei o ferro e fui atender. Quando voltei, ela tinha desejado passar também e queimou o bracinho na borda do ferro.

Wandinha - É mentira dela, maninho. Foi ela que me deu uma lambada com a correia da máquina só porque eu passei correndo e derrubei a costura dela sem querer.

Carolina - Que infâmia, meu Deus!... Como é possível uma coisa assim?!... (chora) Você não acredite nas mentiras de sua irmã, meu filho. Pergunte aos vizinhos se alguma vez me ouviram levantar a voz para essa menina.

Wandinha - Os vizinhos não vão querer se meter que eles tem medo da senhora. Inda outro dia a vizinha Cacilda me disse assim: se eu não tivesse medo de me indispor com a sua tia, contava ao seu mano todos os trabalhos que você passa na casa dela.

Carolina - Você não acredita numa coisa destas, não é meu filho?

Alfredo - Acredito, titia. E porque acredito, vou lhe dizer uma coisa: minha irmã não ficará nem mais um instante na sua companhia. Vou levá-la agora mesmo para a casa da minha noiva e em março, quando nos casarmos, ela irá morar conosco.

Wandinha - (teatral) Oh maninho, que bom que tú vais me levar!... Eu sofria tanto aqui! Tanto!... Não te dizia nada porque não queria que tú sofresses também. Vamos, maninho. Vamos embora depressa! Amanhã tu voltas aqui e levavas tudo o que é meu.

C/REGRA - PASSOS DOS DOIS QUE SE AFASTAM E PORTA QUE BATE, AFASTADA.

Carolina - Que infâmia, meu Deus!... Como é possível caber tanta maldade num coração tão novo e tão pequeno!... (DESATA A SOLUÇAR, DESESPERADA)

CONTROLE - CORTINA MUSICAL GRANDIOSA.

LOCUTORA e PUBLICIDARIAS:

COMPANHIA - ABERPORA E FUNDADA COM MUSICA DE LA BRAGA.

Carolina - (54 anos, narrando) O que eu chorei, depois que eles partiram!... Talvez pelo espaço longo de duas horas a fio, as lágrimas deslisaram silenciosas e ininterruptas pelo meu rosto macerado e triste! A minha dor e a minha mágoa eram tão intensas e avassaladoras, que eu chorava sem soluços e sem queixas, o pranto silencioso e resignado dos que se entregam à desgraça, compreendendo a inutilidade dos gestos desesperados ou das palavras de revolta!... Na véspera de Natal, como eu não tivesse voltado ao bazar do seu Pereira, este me apareceu à noitinha, levando ~~me~~ embrolhada, num papel de seda, a boneca que eu havia desejado adquirir para a minha Wandinha.

CONTROLE - MUSICA DE REMINISCENCIA.

Pereira - A sinhôra não bultou ao vazare e eu antão bim trazeire a vunequita que a sinhôra deséjaba cumprare. E save que bendi todas ais flôres? É burdade, sim sinhôra. Sairam todas com uma facilidade d'avismare! Cá tem a sinhôra quinze mil reis que ainda lhe dêbo *eu*.

Carolina - (35 anos, profunda tristeza) Muito obrigada seu Pereira. Eu lhe agradeço de todo o coração a sua gentileza, mas eu não vou querer mais a boneca.

Pereira - Hom'essa agora!... Pois atão a sinhôra não cria a vuneca para dá-la à menina?

Carolina - Queria, sim. E queria muito, até. Era o presente de Natal que me havia pedido uma outra boneca de olhos claros, linda como a mais linda de todas, mas... infelizmente... uma boneca sem alma!...

Pereira - Raios me partam se stou a entendere alguma coisa de todo esse palabrório.

Carolina - Eu lhe explico, seu Pereira: a minha sobrinha... foi embora. Não mora mais comigo. Abandonou-me para sempre!

Pereira - Não posso crêre! Que lhe deu na cachola pa fazere uma coisa destas?

Carolina - (voz de chôro) Disse ao irmão que eu a maltratava muito... que até boz doada lhe dava... e naquela mesma noite em que levei as flôres ao seu bazar... ela me deixou definitivamente e foi morar com ele.

Pereira - Dona Carolinal! Que coisa me está a dizêre!... Nenhuma filha burdadeira era melhore tratada pula sua mãe!... Eu cá sou testemunha disso e mais os outros bisinhos!...

Carolina - Não houve o que eu dissesse ao Alfredinho que servisse para convencê-lo. Ela jurava a pés juntos que sofria maus tratos junto de mim.

Pereira - Que grandíssima disabergunhada!... Tão pequenita e tão mintirosa!

(Pausa e tom) Escute lá, dona Carolina: si a senhora me primite, eu irei falare ao rapaz e em dois tempos deixarei desmascarada a embusteira.

Carolina - Eu sei que nada adiantará, seu Pereira. Ele estava com vontade de acreditar nas mentiras da irmã e não houve argumento que o convencesse.

Pereira - Mesmo que assim seja, eu irei lá tere e lhe direi toda a burdade.

CONTROLE - HARPEJO, FUNDE COM MUSICA DE NARRAÇÃO QUE FICA EM B/G.

Carolina - (54 anos, narrando) E aquela alma tão rude quanto boa, que era o senhor Pereira, foi procurar Alfredinho, no desejo piedoso e sincero de enxugar os meu olhos úmidos de pranto. Nada conseguiu, infelizmente, mas se tornou, desde então, o elo de ligação entre a solteirona angustiada e os seus ingratos sobrinhos. Por intermédio dele, passei a acompanhar, mesmo de longe, durante um longo período de oito anos, a vida daqueles dois seres que eu ainda amava com desespero, apesar de tudo!...

CONTROLE - MUSICA DE REMINISCENCIA.

Pereira - O rapaz se casou ontem na igreja de Nossa Senhora das Mercês. Alugou uma casa muito vòa à Abenida das Acácias e lebou a menina pa morare com él.

CONTROLE - HARPEJO RÁPIDO PARA SEPARAÇÃO.

Pereira - A menina bibe de rixa cunstante com o mano e mais a cunhada. Arranjou lá um pilantra calquere para namurare e êls num querem savere do namoro.

CONTROLE - HARPEJO RÁPIDO PARA SEPARAÇÃO.

Pereira - Antes d'ontem houve lá uma grande festa. A menina fez quinze anos e foi uma folia mesmo a valere. Ela staba linda que fazia gôsto bere.

CONTROLE - HARPEJO RÁPIDO PARA SEPARAÇÃO.

Pereira - Está cada bez mais desempenada! Fez-se uma moça que dá gosto bere. O diavo é que as rixas continuam como antigamente. Não ha pruposta que lhe sirba pa largare de mão aquele discarado.

CONTROLE - HARPEJO RÁPIDO PARA SEPARAÇÃO.

Pereira - Infelizmente trago-lhe más noticias. A menina desapareceu. Dizem todos, à boca cheia, que levou-a o discarado.

CONTROLE - HARPEJO DE SEPARAÇÃO, FUNDE COM MUSICA DE NARRAÇÃO QUE FICA EM B/G.

Carolina - (54 anos, narrando) Sim, ela havia fugido com o namorado, deixando o irmão, com a mesma frieza e indiferença com que me deixára. Imaginando bem o que Alfredinho estaria a sofrer naquele instante, fui <sup>logo</sup> ~~riem~~ à casa dele, na piedosa intenção de levar-lhe algumas palavras de conforto.

*Ele* não me recebeu. A esposa <sup>me</sup> despachou ~~me~~ da porta e <sup>eu</sup> nem sequer o vi! (Pausa longa e tã) São passados três anos <sup>daquela dia</sup> e nunca mais tivemos qualquer noticia de la. Não sei que razões <sup>Alfredinho</sup> terão levado a procurar-me hoje... justamente na véspera de Natal.

*Sera que ele veio me procurar que ele voltou para a minha companhia? Justamente hoje... véspera de Natal? Será uma linda surpresa que a vida me dava no que eu estava. Eu o recobrei de braços abertos e não teria para ele uma só palavra de desanimada. Será um presente tão bom que eu não posso que seja capaz de mil maravilhas. XXX*

CONTRA REGRA - CIGARRA DE PORTA, AFASTADA.

Carolina - (54 anos) (agitada e nervosa) Deve ser êle. Ajudai-me meu Deus! Dai-me forças para recebê-lo com um sorriso nos lábios e sem lágrimas nos olhos.

CONTRA REGRA - CIGARRA TOCA UM POUCO MAIS INSISTENTE.

Carolina - (idem) Deixe-me abrir-lhe a porta dumavez, antes que se arrependa e se vá embora.

CONTRA REGRA - PASSOS DE VELHA QUE SE AFASTAM, ABRIR PORTA UM POUCO AFASTADA.

Carolina - (contendo a custo o pranto) Entra, meu filho... entra... eu... eu estava à tua espera.

CONTRA REGRA - PORTA QUE SE FECHA. PASSOS DE DUAS PESSOAS QUE SE APROXIMAM.

Carolina - (aproximando-se) Tu querias falar comigo... Não foi isto o que me disseste pelo telefone?

Alfredo - Sim... foi...

Carolina - Senta-te. Deves estar cansado, não meu filho? Estás tão abatido...

Alfredo - (quasi rompendo em pranto) Oh, titia!... Que amargura!... Que tristeza!... (rompendo em choro convulso) Que desespero dentro da minh'alma!...

Carolina - (voz que é pranto) Meu filho querido!... Encosta a tua cabeça no coração da titia... e chora... chora bastante... Eu não sei o que se passa contigo... só sei que estás sofrendo.. e sei por mim que a dôr dôe muito mais... quando sofrida em silencio!... (Pausa longa) Foi Lucy, meu filho?

Alfredo - Não, titia. (voz sempre embargada) Foi Wandinha.

Carolina - Wandinha? Mas então ... tu sabes onde ela está?

Alfredo - Sim. Hoje de manhã recebi um chamado urgente para comparecer ao Hospital dos Pobres, na secção da Maternidade. Wandinha estava lá... agonisante.

Carolina - Meu filho!... Então... então ela está muito mal?

Alfredo - Esteve, titia. Agora... ela já está morta!

CONTROLE - ACORDE TRÁGICO E SECO, SEM CORTAR A CENA.

Carolina - Morta!... (chorosa) Morta a minha boneca?!... Oh meu filho, que noticia tão triste tu me trazes!

Alfredo - Pediu-me... que lhe desse um beijo longo... cheio de saudade... e de ternura... e que lhe pedisse, tambem, o seu perdão... para a infâmia que ela praticára... contra a senhora...

Carolina - Óra, meu filho! Eu já a perdoei ha tanto tempo!... Ha tanto tempo!...  
Pobresinha! Ela talvez gostasse de ouvir dos meus lábios o que estou  
lhe dizendo!

Alfredo - E tem mais ainda: deixou-lhe uma lembrança.

CONTRA REGRA - PASSOS QUE SE AFASTAM. PORTA QUE SE ABRE.

Alfredo, - (afastado) Lucy, traga a menina aqui, faça o favor. (Pausa longa) Obri-  
gado. Espere-me no automovel que eu não demoro.

CONTRA REGRA - FECHAR PORTA. PASSOS QUE SE APROXIMAM.

Alfredo - Aqui está, titia.

Carolina - (abafada) Meu filho!...

Alfredo - (profundamente comovido) Esta... é a filha de Wandinha. Ela me pediu  
~~que~~ que a depositasse nos seus braços para que a senhora cuidasse de  
la com o mesmo carinho com que a cuidou naqueles mezes em que viveu  
na sua companhia. Que a senhora a eduque e <sup>que</sup> faça dela a sua boneca, mas  
não uma boneca sem alma como foi a sua pobre mãe!...

Carolina - Sim, meu amor, tú has de ser a minha bonequinha querida, a bonequinha  
que durante cincoenta e quatro anos eu reclamei da vida, mas que a vi-  
da, avaramente, cincoenta e quatro anos se negou a dar-me!...

CONTROLE - COMEÇAM A BIMBALHAR SINOS FESTIVOS E SE OUVI, AO FUNDO, A NOITE SILEN-  
CIOSA.

Carolina - Ouves, queridinha? Ouves? São os sinos que anunciam o Natal de Jesus!  
Tú nasceste com Ele. Foi Ele que te mandou aos meus braços para que eu  
não morresse <sup>(que eu tivesse)</sup> sem ~~ter~~ realizado o meu velho desejo de ter uma boneca  
que piscasse os olhinhos e dissesse "Mãmãe."

CONTROLE - SOBE A NOITE SILENCIOSA POR ALGUNS MOMENTOS E FUNDE COM CARACTERÍSTI-  
CA GRANDIOSA PARA ENCERRAMENTO.

Distribuição:

Carolina - Ilsa Silveira  
Wanda - Tânia Elisabeth  
Peruvá - Roberto Reis  
Alfredo - Lady Nunes